

VISÃO DO CORREIO

Sintomas de declínio na influência dos EUA

Desde o fim da Guerra Fria, o mundo convive com uma inegável hegemonia dos Estados Unidos. Nas últimas décadas, a vontade dos EUA sempre prevaleceu em três setores fundamentais para todo país: cultura, economia e poder militar. Nos últimos anos, porém, é flagrante a queda da influência estadunidense ao redor do globo — apesar de ela se manter bastante significativa. Os impactos da guerra tarifária de Trump nas economias, entre elas a brasileira, mais recentemente, colocam essa tendência à prova.

No campo militar, o apoio dos Estados Unidos ao Estado de Israel, a partir do treinamento de agentes e da cessão de armamentos, provoca um inegável desgaste à imagem de Washington. É impossível fechar os olhos do mundo para a destruição da Faixa de Gaza, inclusive, com medidas israelenses para dificultar a chegada de ajuda humanitária a civis que estão morrendo de fome.

Na cultura, a hegemonia norte-americana se mantém, mas começa a ser desafiada na música, por exemplo, com a imensa popularidade do k-pop, gênero musical originado na Coreia do Sul, que usa uma grande variedade de elementos audiovisuais amigáveis aos algoritmos das redes sociais. No esporte, nos Jogos Olímpicos, o antes inquestionável domínio da delegação dos EUA tem sido desafiado pela China. Em Paris 2024, empataram em medalhas de ouro, por exemplo.

Na economia, os Estados Unidos têm enfrentado diversos desafios, principalmente pela ascensão chinesa na área da tecnologia. O exemplo mais emblemático da vez passa pelas chamadas terras raras, minas com elementos químicos fundamentais para diversas áreas, como carros elétricos, turbinas eólicas, eletrônicos, equipamentos militares (como drones) e equipamentos médicos. Também são usadas na transformação do petróleo em gasolina, apesar de esses elementos não serem essenciais ao processo, pela existência de produtos alternativos.

Nas terras raras, inclusive, o Brasil ocupa espaço importante ao concentrar cerca

de 25% da oferta mundial, sendo superado apenas pela China, que detém aproximadamente 45%. Apesar de terem representatividade nesse mercado, os EUA, pela sua enorme produção militar e de carros elétricos, se colocam em posição desfavorável na negociação com Brasil e China, diante dos desgastes geopolíticos recentes provocados por Trump.

Porém, nem todos esses fatores têm relação direta com o governo Trump. Muitos, como o dano à imagem internacional por conta de guerras, começaram em gestões anteriores — sobretudo nas invasões do Afeganistão e do Iraque (George W. Bush) e antes, do Vietnã (Richard Nixon). No entanto, há evidências realçadas pelo trumpismo que merecem destaque.

Entre elas, a diminuição do chamado “soft power” estadunidense — a capacidade do país de influenciar outras nações pela persuasão, não só pela força. A política externa de Trump nada tem de “suave”, usando a tradução direta do termo. Não há cadência, mas, sim, uma pressão exercida pelo poder militar e econômico.

A crise geopolítica traz reflexos diretos ao chamado American Way of Life. A partir do endurecimento do tarifaço, a inflação dos EUA atingiu seu mais alto patamar em quatro meses em junho, fechada em 2,7% no índice acumulado do ano, uma alta de 0,3% mensal.

Além de encarecer a vida do cidadão, Trump cria uma série de incertezas no mercado financeiro e ameaça a hegemonia do dólar — principal moeda do mundo, justamente por ser menos volátil a decisões políticas, graças a uma muito cultuada independência do Sistema de Reserva Federal (FED, na sigla em inglês, o Banco Central estadunidense).

Apesar de não ser o único culpado, o governo Trump é simbólico, em várias medidas, para o declínio da influência dos EUA. Há tempo para reverter o cenário, mas a Casa Branca encara o panorama mais desafiador em décadas.

“Talvez não seja tarde demais para aprender a amar e esquecer como odiar”



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Pardal

O pardal (medidor de velocidade) na via W3 sul, Quadra 510/511 Sul, sentido final da Asa Sul não tem placa indicativa de medidor de velocidade, como manda a legislação. Infelizmente, uma chuva de multas vem sendo aplicadas ilegalmente pois, como em outros pontos, o Detran não providencia o necessário indicativo de alerta de velocidade. Tal medidor vem pouco depois do sinal, mas quem cruza a W3 sul para pegar a referida pista cai na armadilha. Esperamos que a sinalização seja feita e as multas canceladas, pois, além de injusto, é ilegal! Vale dizer que a sinalização naquela via não existe. Esperamos providências, inclusive, do Ministério Público.

» **Erica Maria Holanda**
Asa Sul

Transporte público

É estarrecedor e preocupante o que vem ocorrendo, há muito tempo, no transporte da empresa Taguatour, que atua em Águas Lindas de Goiás, com deslocamentos para o Distrito Federal, em face à empresa não autorizar os motoristas abrirem as portas do meio ou de trás para o acesso dos preferenciais. Essa não liberação desrespeitada com a população ocorre, justamente, quando os assentos preferenciais, que são poucos, estão ocupados. Dessa forma, os usuários preferenciais acabam formando uma enorme aglomeração em pé, posicionados praticamente em cima do motorista e frontal ao parabrisa, além de dificultar o acesso dos demais passageiros. O demasiado número de pessoas em pé na parte dianteira do ônibus deixa evidente o alto risco, pois coloca em vulnerabilidade a segurança dos passageiros, especialmente em caso de freadas bruscas, colisões ou movimentos inesperados do coletivo. É proibido transportar passageiros em pé em ônibus rodoviários, intermunicipais e interestaduais, exceto em casos de socorro, conforme a ANTT. Essa regra visa garantir a segurança e o conforto dos passageiros, especialmente em viagens longas e em

velocidades altas. Em algumas situações, como linhas semiurbanas (que fazem o trajeto entre o Entorno e o DF), pode ser permitido um número limitado de passageiros em pé, após a passagem pela catraca, desde que não ultrapasse um quarto da lotação do veículo. No caso da Taguatour, o excesso de passageiros em pé, há o descumprimento dessa norma. É notório que não há uma fiscalização atuante da Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT). Estão aguardando que aconteça uma tragédia?

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Incapacidade

É incrível ver parlamentares, homens e mulheres eleitas para produzirem leis que atendam às demandas e necessidades dos eleitores, tornarem-se negacionistas em relação aos episódios de 8 de janeiro de 2023. Deputados e senadores tiveram o Congresso arrebatado pelos vândalos, instigados pelos recorrentes discursos do então presidente, certo de que e seria muito fácil impor a ditadura no Brasil. Ele bem que tentou, apoiado por militares do alto escalão. Não conseguiu. A ordem democrática, amparada pela Constituição Cidadã, foi mais forte. Os instrumentos constitucionais deram ao Supremo Tribunal Federal e à Procuradoria-Geral da República os instrumentos necessários para frustrar o desejo de retorno do regime de exceção. A democracia prevaleceu. Mas a tentativa foi criminosa — não há a menor dúvida. Seria uma injustiça não punir os idealizadores que planejaram e organizaram a baderna, contando com mulheres e homens de todos os cantos do país. Agora, buscar um apoio prejudicial dos Estados Unidos é um comportamento deprimente e criminoso, pois a intenção é colocar o país contra a parede, e minar a economia nacional. Se os legisladores não exergam isso, é porque não têm capacidade de exercer a atividade para a qual foram eleitos.

» **Alfredo Gomes**
Paranoá

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Marina Silva, se todos os seus esforços forem vistos com indiferença, não desanime, pois o sol quando nasce dá um belo espetáculo e a maioria da plateia continua dormindo...

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Nossa bandeira jamais será vermelha, azul e branca.

Franciscarlos Diniz — Asa Norte

O deputado Eduardo Bolsonaro diz que “o Brasil mergulhará no caos se não ceder a Trump”. Esse é o desejo dessa triste figura que trabalha e conspira contra seu próprio país.

Sylvio Belém — Recife

Uma vez que, quando apresentadas à imprensa, elas roubam a cena, os jornalistas bem poderiam perguntar às tornezeiras se o relacionamento com seus “tutores” é amigável, ou é pruriginoso — causador de coceiras.

Marcos Paulino — Vicente Pires

Já temos as primeiras eliminações da Copa do Mundo de 2026, nos Estados Unidos: os ministros do STF.

Ricardo Santoro — Lago Sul

Meu divino Pai Eterno, o Brasil ainda é uma nação ou uma filial do inferno?

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Primeiro a seca e as queimadas, depois a chuva e a dengue. O filme é repetido, o final pode ser diferente.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigo.craveiro@gmail.com

8 de janeiro, o dia sem fim

“Dê poder a um homem e verá quem ele realmente é.” A frase do filósofo italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527) parece ter sido feita sob medida para alguns líderes (ou pseudolíderes) da atualidade. Eleitos pela democracia representativa, muitos deles governam para o próprio ego e representam mais suas ambições de poder do que a população. Por vezes, adquirem comportamento de déspotas: ignoram as leis e a Constituição, que prometeram honrar e respeitar ao serem empossados.

Agarrados a uma base radical e extremista, com a qual criaram uma relação simbiótica, pregam a perpetuação no poder e fomentam ódio, cizânia, divisão e ressentimento. Não suportam ser contestados por terceiros e muito menos pelas urnas. Tanto que, mesmo depois de derrotados, instigam o séquito mais reacionário a contestar a derrota. Os mesmos seguidores, que não se furtam em tripudiar sobre a morte de uma artista apenas porque ela simpaticava com uma corrente político-ideológica antagônica.

O poder transparece o que há de melhor e o que há de pior no ser humano, a depender de sua índole. Alguns líderes se apossam de símbolos da pátria e, quando perdem o poder, não se importam em aplaudir ações contra a própria nação, na utopia de forçar uma mudança de regime. Homens que governaram uma nação preferem ignorar o Estado Democrático de Direito e tensionar a corda até que ela arrebente. Aprovegam que o Brasil vive uma ditadura e comparam o

país à Venezuela, pura e simplesmente porque não gostam ou não se sentem dignos de prestar contas à Justiça. Há quem diga que o poder é um ópio e que, quando não mais o tem, o político é tomado quase que por uma crise de abstinência, porque quer mais.

O que assistimos no Brasil é uma tentativa de sequestrar as instituições, desafiar a Justiça e legitimar um entreguismo descarado, aproveitando-se da repulsa de Trump pelo Brics — Brasil, Rússia, Índia e África do Sul — e dos planos do bloco de ter uma moeda alternativa. Se alguém acha que Trump está comovido por uma suposta injustiça cometida contra Jair Bolsonaro, demonstra levandade.

Trump uniu o útil ao agradável: usa o viés político para punir o Brasil por suas aspirações no Brics. No fim das contas, tudo é economia, suco capitalista. No fim das contas, um autocrata americano finge extrema simpatia por um ex-líder réu, também com traços autoritários, apenas para chegar aos seus objetivos. Ao perceber que o Brasil é maior do que suas chantagens e não se renderá, Trump recuará e deixará o bolsonarismo a ver navios.

Há uma tentativa continuada de golpe no Brasil. O 8 de janeiro não acabou naquele domingo ensolarado. Ele prossegue, a reboque de um homem sedento pelo poder. Está na polarização virulenta. Ele se evidencia na afronta deliberada ao Supremo. Dê poder a um homem e verá quem é. Mas deixe claro para ele que a lei vale para todos. A propósito: das cenas mais tristes e lamentáveis da história da República, a faixa com o nome de Trump aberta, ontem, dentro do Congresso.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A.

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uuudapress.com.br